AFINAL,
O QUE
TEM A LAPA
DE TÃO ESPECIAL?

Lapa, segundo planalto do Paraná.

Topografia suave. Boca do sertão desconhecido, espaço repartido entre as matas de pinheiros e os campos. Só a linha curiosamente simétrica da Serra do Monge recorta o horizonte, onde se perdem de vista os pastos e invernada, às margens do Rio Grande de Curitiba.

Bela paisagem pacífica, zona de transição da História e da Geografia, por onde passou a ocupação do Sul do país, a formação a Província do Paraná e a consolidação da República.

História

No século XVIII, as tropas de mulas vindas do Sul faziam pouso nos campos da Lapa onde, aos poucos, a Freguesia de Santo Antonio, e depois a Vila Nova do Príncipe, ganharam feições características.

Havia casas de negócio, açougues, comerciantes e cachaça e de bebidas estrangeiras, selarias, alfaiates, ferreiros, marceneiros, bombeiros e farmacêuticos.

A vila prestava serviços indispensáveis aos tropeiros. O casario baixo a rua das Tropas estendia-se pelas vizinhanças. Praças, largos e becos, casas muito brancas, de pedra e cal: os negócios cresciam e aumentavam o mosaico da cidade.

Depois, vieram os exploradores da erva-mate e dos pinheirais. Por fim, os homens em guerra refizeram o antigo caminho desde o Sul e enfrentaram, na Lapa, a dura resistência legalista.

Ficou guardado para sempre, em cada casa, em cada rua, em cada esquina, a lembrança daqueles dias de guerra. Em 1894, a Lapa era uma pequena cidade, de população pacata, a quem coube compartilhar com as tropas legalistas que apoiavam a recém-instalada República, a dura tarefa de deter o avanço de forças militares rebeldes, vindas do Sul.

Durante 26 dias, a cidade resistiu. Tempo suficiente para os entendimentos políticos e militares necessários para a consolidação do governo republicano central. A Lapa capitulada pagou caro o esforço de resistência. Pobre e endividada, a cidade foi obrigada a reduzir os salários do Prefeito e dos funcionários municipais, extinguir as aulas noturnas e a iluminação pública.

O novo século trouxe outras mudanças à cidade. O transporte de tropas e as atividades extrativistas já não tinham mais a mesma importância. A implantação de modernos sistemas agrícolas, como alternativa regional, ocoreu muito lentamente. Todos estes fatores contribuíram, contraditoriamente, para preservar intacto o cenário que viu passar tantos momentos importantes da História do Paraná e do País. E ajudou a cidade a descobrir sua vocação para o turismo cultural.

Memória

Na Lapa, a história não ficou guardada em algum canto da memória. Os monumentos não são fria e distante pedra. A Lapa tem hoje o privilégio de manter em pé, vivo, habitado, ocupado, o cenário as lendas de João Maria, a passagem das tropas, do comércio e erva-mate, dos artesãos barriqueiros, dos pica-paus e dos maragatos, os adversários da Revolução Federalista.

A Lapa transformou o cenário em cidade de delicada beleza, respeitando a história e protegendo a memória.

Por tudo isto, a Lapa é tão especial.

Mas a memória não pertence apenas à cidade. É um bem de todos, paranaenses e brasileiros. A cidade, com suas casas e ruas impregnadas de causos, contos, lendas e história, é um valioso patrimônio que deve ser protegido pelo Estado, em nome de todos.

Esta proteção é necessária para garantir que o conjunto da paisagem urbana – o cenário de casas e ruas, edifícios públicos, igrejas, largos e alamedas - possa continuar contando a História para as atuais e futuras gerações.

O conhecimeto da História é a raiz que liga o homem a seu tempo. A Lapa – e outras cidades, como Ouro Preto, Olinda e Parati-permite que este conhecimento venha de um passeio pelas ruas do Centro Histórico, de um minuto de descanso no largo, de um instante de reflexão na Igreja Matriz, do vislumbre do interior de uma casa ou do gosto simples do feijão tropeiro, da broa de milho e do sequilho.

Mas a memória não pode ser um privilégio. É um direito que a humanidade vem conquistando desde as primeiras imagens gravadas na pedra das cavernas.

O homem moderno criou instrumentos para assegurar este direito e, no Brasil, a Constituição Federal diz que a comunidade deve colaborar com o poder público na proteção do patrimônio cultural.

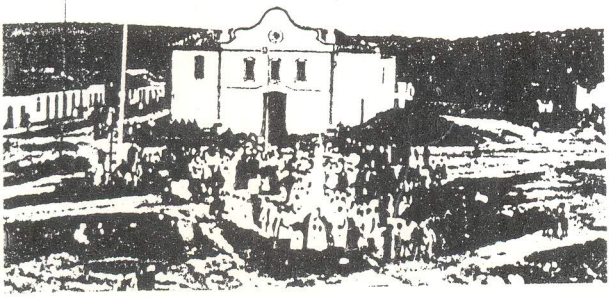
No caso do Centro Histórico da Lapa, a tarefa de proteger o patrimônio cultural ficou por conta do Estado. Mas as primeiras iniciativas isoladas para proteger, por exemplo, a Igreja de Santo Antonio e a casa onde morreu o General Carneiro, herói de Cerco da Lapa, foram tomadas já em 1938, quando a Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional tombou os dois imóveis.

Mas era necessária uma medida que entendesse de modo harmônico e abrangente o Centro Histórico da Lapa, estendendo a proteção, de forma integrada, à paisagem, ao cenário da história.

Por isto, o Conselho Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico decidiu inscrever no Livro do Tombo – forma legal de estabelecer a proteção pelo tombamento – o Centro Histórico da Lapa, dentro de limites bem definidos e com normas de uso claras e de conhecimentos público.

Tombar a paisagem, o cenário, significa zelar pelo conjunto, protegendo integralmente os bens designados como de preservação absoluta, e as áreas que os cercam. As outras áreas, serão cuidadosamente administradas para que não haja interferência inadequadas. Tombar a paisagem significa estabelecer para este conjunto urbano tão especial o melhor uso possível.

Por isto, cada um dos 235 imóveis incluídos nos 14 quarteirões tombados do Centro Histórico foi detalhadamente avaliado e classificado dentro de um dos quatro graus de proteção estabelecidos para a área (ver planta em anexo) estas informações são repassadas individualmente a cada proprietário de imóvel. As medidas mais rigorosas ficam para as edificações de reconhecida importância e, gradualmente, os critérios adaptam-se ao papel atribuido a cada área, a cada imóvel, assim como ocorre, de modo geral, com os planos de uso do solo urbano, em qualquer cidade do mundo. Com muita delicadeza e todo respeito, é claro, porque não se pode obscurecer a memória nem tapar a luz que mostra o passado para o presente e o protege para o futuro.



- Dois séculos de Freguesia de Santo Antonio da Lapa
- Ponto de pouso das tropas vindas do Sul
- Um século e meio de Vila Nova do Príncipe
- Terra do mate cancheado, do Engenho Santo Antônio
- Um século de República
- Berço de tradições
- Lendas da Gruta do Monge
- Memória da resistência legalista
- Rua das Tropas, rua da Boa Vista, casas de pedra, monumentos da História

IMÓVEIS TOMBADOS ANTERIORMENTE

CASA LACERDA
Inscrição nº 12/1938 (Federal)
nº 36/1972 (Estadual)

IGREJA MATRIZ DE SANTO ANTONIO DA LAPA
Inscrição nº 14/1938 (Federal)
nº 35/1972 (Estadual)

CASA ONDE MORREU O GENERAL CARNEIRO
Inscrição nº 37/1938 (Federal)

CASA DE CÂMARA E CADEIA
Inscrição nº 128/1940 (Federal)

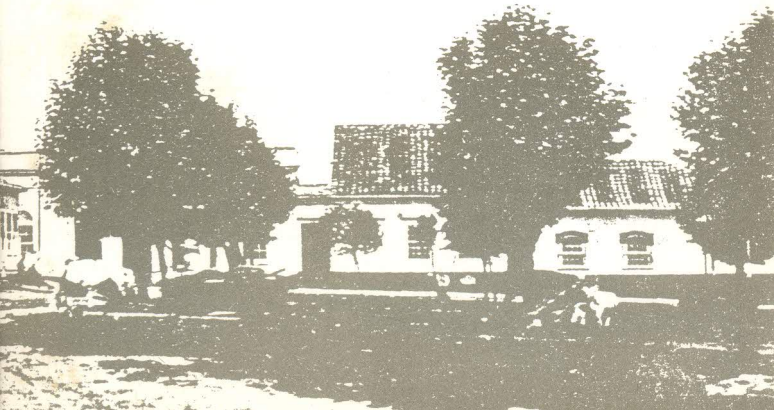
TEATRO SÃO JOÃO
Inscrição nº 21/1969 (Estadual)
nº 578/1985 (Federal)

MUSEU DAS ARMAS
Inscrição nº 28/1971 (Estadual)

CASA VERMELHA
Inscrição nº 76/1981 (Estadual)

Texto: TERESA URBAN

Informações: CURADORIA DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO
TEL.: 225-7117

GOVERNO DO PARANÁ
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Coordenadoria do Patrimônio Cultural
Curadoria do Patrimônio Histórico e Artístico